



INCLUSÃO DE LABORATÓRIOS DE GEOGRAFIA NA VIVÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: uma experiência em processo

*Carla Juscélia de Oliveira Souza*¹
carlaju@uol.com.br

*Taiza de Pinho Barroso Lucas*²
taizaead@gmail.com

Resumo

O trabalho discute Estágio Supervisionado e os procedimentos didáticos adotados na parceria entre universidade e escola básica, onde o uso dos laboratórios de Geografia, pelos estagiários e alunos do ensino fundamental e médio, representa mais uma possibilidade para o exercício da docência, durante as atividades do estágio. A reflexão teoria-prática-teoria na vivência do estágio constituiu fundamento importante e presente nas atividades dos estagiários. Planejamento de atividades educativas, aulas práticas, diálogos entre os professores de áreas específicas e da área pedagógica, trabalho coletivo entre alunos e professores e o acesso a outros espaços formadores, por alunos e professores da escola básica, constituíram resultado positivo e a sinalização das possibilidades de efetivação do Estágio Supervisionado, a partir da lógica da flexibilidade na formação acadêmica. E, ainda, um caminho para estreitar a relação entre os conhecimentos específicos e os pedagógicos durante a formação do profissional professor.

Palavras-chave

Estágio Supervisionado; Laboratórios de Geografia; Práticas de Ensino.

INCLUSION OF GEOGRAPHY IN INTERNSHIP LABORATORIES: an experience in process

Abstract

This paper is about internship and teaching procedures used in partnership with a university, elementary school, and a high school, which use geography laboratories as a space for activities

¹ Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Professora substituta do departamento de Geociências da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) e Membro do grupo de pesquisa Geografia, Educação e Oportunidade (GEOFaE/UFMG). Departamento de Geociências, Campus Tancredo Neves. Rod BR 494, km 02. Colônia do Bengo. São João del-Rei (MG). CEP 36301-360.

² Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Professora do Centro Universitário Belo Horizonte (UNIBH). Rua João Gualberto Filho, nº 630 apto 302, Sagrada Família. Belo Horizonte (MG). CEP 31030-410.

and practices for interns, students, teachers, and professors. Reflecting theory-practice-theory during the internship was fundamental and important for the interns during that stage. Planning educational activities, practical classes, dialogues between teachers from different areas all had positive responses in this experience. These actions have shown a way to narrow a specific knowledge with the pedagogical knowledge during the development of the course.

Keyword

Internship; Laboratory of Geography; Teaching Practices.

Introdução

O trabalho apresenta e discute resultados alcançados com a inclusão do uso de laboratórios do curso de Geografia em atividades didático-pedagógicas, durante a vivência do exercício da docência em Estágio Supervisionado de Geografia, no primeiro semestre de 2011. Essa experiência faz parte de um projeto piloto de ensino, pesquisa e extensão, intitulado “Laboratórios Abertos e Integrados”, em parceria com o Estágio Supervisionado de Licenciatura de Geografia.

Essa parceria contém como princípios: (i) o acesso de alunos da escola básica a outros espaços de formação, como laboratórios, a partir da interação sala de aula, laboratórios, professor, estagiário e academia; (ii) o retorno dos graduandos aos laboratórios³, com a possibilidade de uso de seus equipamentos como recursos didáticos e criação de novos planos de atividades/aula; (iii) a possibilidade de elaboração de novas práticas pedagógicas pelos graduandos e a atualização dos professores da rede básica de educação que acompanham seus alunos nessas atividades extraclasse e (iv) o diálogo e a prática educativa entre professores responsáveis pelas disciplinas específicas acadêmicas e pelo Estágio Supervisionado.

A falta de articulação entre as disciplinas específicas e as da educação constitui um dos dilemas na formação em licenciatura, combinada com outros dois: o da dicotomia bacharelado e licenciatura e a desarticulação entre formação acadêmica e realidade prática (PEREIRA, 2000). Portanto, professores parceiros têm a oportunidade de participar de forma mais ampla do processo de formação dos graduandos. Sabe-se que um dos desafios no processo de formação das licenciaturas são o diálogo e trabalho integrado entre conteúdos, logo, entre professores de áreas distintas - específicas e

³ As disciplinas com carga horária teórica e prática do curso de Geografia concentram-se no início da grade curricular, nos primeiros semestres, enquanto as disciplinas de Estágio encontram-se nas etapas finais, por isso o retorno ao uso dos laboratórios, em uma nova perspectiva.

pedagógicas - com um mesmo objetivo, o de formar o profissional professor. A parceria entre o projeto "Laboratórios Abertos e Integrados" e o Estágio Supervisionado possibilita esse diálogo. Logo, espera-se no curso de Geografia em questão superar ou reduzir a distância entre conteúdos específicos e pedagógicos.

Professores das áreas específicas juntamente com os alunos estagiários e professor orientador do estágio, planejam e organizam atividades e dinâmicas que ocorrerão nos laboratórios, sob a regência dos estagiários com o acompanhamento do professor da escola básica. Esse processo promove situações de aprendizagem e de reflexão teoria-prática-teoria, as quais são acompanhadas por diferentes sujeitos, professores e alunos.

Muitos estagiários elaboram planos de aula, preparam materiais, buscam recursos didáticos diferentes do livro e na maioria das vezes não podem utilizá-los em aulas ministradas por eles mesmos. Esse fato é comum e frequentemente relatado durante os seminários de estágio. A não efetivação do plano em sala impede o aluno de avaliar seu planejamento, seu desempenho, a potencialidade e limitações de seus recursos e prática, ao término do estágio. Como pode o estagiário refletir a respeito de sua prática, de seu planejamento e de suas escolhas se não tem a oportunidade para exercê-la?

Convidar e trazer os alunos da escola básica, de preferência das escolas onde os alunos realizam o estágio, constitui um meio pelo qual os alunos podem colocar em prática muito do que planejaram. Além disso, permite a ampliação da relação entre professores de disciplinas específicas e pedagógicas, bem como promove o contato dos professores dos conteúdos escolares com outros espaços formadores, outros recursos didáticos e outros professores para trocas de experiências. Nesse momento, professores e alunos estagiários podem refletir sobre outras possibilidades de abordagem dos conteúdos regulamentados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), tratados em sala de aula em interação entre alunos e objetos concretos, como instrumentos e/ou equipamentos e materiais didáticos como maquetes, amostras de solo, rochas, pluviômetros e outros presentes nos laboratórios.

Os laboratórios do curso de Geografia inicialmente foram abertos aos graduandos para realização de aulas práticas com os conteúdos específicos de geomorfologia, climatologia, biogeografia, geologia, pedologia, cartografia, entre outros. Hoje, os referidos laboratórios têm sua finalidade ampliada. A ampliação iniciou com atividades de extensão e pesquisa em 2003, com os projetos "Cultura e Ambiente", "Aprender a Aprender, Pensar e Fazer" e "Ver e Ler os Conteúdos Geográficos". Em 2011, discussões sobre o uso dos referidos laboratórios pelos próprios graduandos em vivência do Estágio

Supervisionado foram estabelecidas entre professores de disciplinas específicas de Geomorfologia, Geologia, Climatologia e professores de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado, o que resultou na ideia da parceria entre Estágio Supervisionado e o “Laboratórios Abertos e Integrados”. O resultado dessa parceria é apresentado nos parágrafos seguintes, acompanhados de reflexões acerca do significado e importância do Estágio Supervisionado em Licenciatura.

Ideias e normas acerca do estágio supervisionado

O estágio supervisionado como componente curricular dos cursos de licenciatura tem o espaço escolar como local de permanência do estagiário, por tempo determinado, para sua realização. Esse espaço é concebido como local de atuação direta do profissional professor. Conforme Libâneo (1994, p.22):

o campo específico de atuação profissional e política do professor é a escola, à qual cabem tarefas de assegurar aos alunos um sólido domínio de conhecimentos e habilidade, o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais, de pensamento independente, crítico e criativo.

Nota-se na citação que cabe ao professor, enquanto um dos sujeitos que compõe a escola, uma importante parcela da responsabilidade na formação básica científica, cultural, social, política e intelectual dos outros sujeitos, conhecidos como alunos ou discentes. Essa responsabilidade profissional pode ser percebida no cotidiano escolar pelo graduando quando ainda era um aluno da escola básica e/ou durante o seu processo de formação, por meio do Estágio Supervisionado e das Práticas de Ensino. Em cada um desses momentos as perspectivas desse sujeito sobre o olhar na escola são diferentes e podem ser resignificadas com o tempo. Os estudantes que chegam à universidade trazem uma ideia do papel do professor, do que é a escola e da função da educação (SOUZA e ZANATTA, 2006), mas a maioria desconhece a complexidade de ser um profissional professor.

Para o aluno a escola pode ser um espaço formador, de lazer, de conflitos e angústias, de descobertas diversas e outros. Para o estagiário, a escola é o espaço de trabalho do profissional professor, é o espaço a ser redescoberto à luz do seu significado social, político, cultural e intelectual. Cada um desses significados demanda do profissional professor conhecimentos e habilidades que extrapolam os conteúdos

específicos e pedagógicos, construídos na vivência, na prática que possibilitam contato sociocultural, enfrentamento de conflitos, acertos e dificuldades diversas. Portanto, essa vivência e prática são necessárias e obrigatórias durante a formação acadêmica, via o componente curricular Estágio Supervisionado.

O graduando em licenciatura deve efetivar 400 horas de Estágio Supervisionado (CNE, 2002), entre outras cargas horárias relativas à formação específica, pedagógica, práticas e atividades extracurriculares. A Resolução CNE/CP28 /2001, explicita o ambiente institucional de trabalho como o local onde, em um período de permanência, o aluno estagiário, sob a supervisão de um profissional reconhecido, deva vivenciar experiências para a sua aprendizagem, enquanto futuro profissional professor. E coloca, ainda, que o estágio na escola é se podem acompanhar outros aspectos da vida escolar que não somente o cotidiano da sala de aula, mas também a elaboração do projeto pedagógico e a organização das turmas e do tempo e espaço escolar.

Esse aspecto do tempo e espaço escolar é um aspecto que merece ser pensado e discutido, ainda durante a formação profissional. Sabe-se que essa organização do tempo e espaço escolar, na maioria das vezes, segue o formato tradicionalmente conhecido, salas por turma, laboratórios para ciências e áreas afins, aulas disciplinares em horários individuais ou geminadas, seriação ou ciclo, calendário escolar com atividades, eventos, provas, entre outros aspectos. Diante dessa realidade encontrada, o estagiário pode: i) só observar; ii) observar e repetir; iii) ou observar e intervir a fim de contribuir e ousar dentro das possibilidades existentes. Essa última ação é a que se espera dos alunos estagiários.

Mas, para isso cabe à academia, durante a formação inicial do graduando, possibilitar experiências que visem ousar sobre o que está posto como formato e/ou culturalmente construído. As Diretrizes Curriculares de Formação de professores mencionam a existência da flexibilidade necessária para que cada instituição formadora construa projetos inovadores e próprios (CNE, 2001), em prol da formação profissional específica com autonomia intelectual e crítica. Diante disso, não poderiam os estagiários propor mais espaços formadores e outras experiências de aprendizagem para os alunos escolares? Esses espaços e experiências não seriam bem recebidos pelos alunos?

Sabe-se que, durante o Estágio Supervisionado as atividades a serem realizadas pelo estagiário não se restringem à sala de aula, mas compreende a observação dos sujeitos, da dinâmica e do funcionamento escolar, das inovações escolares, da interação escola comunidade, enfim, abarca também o universo que extrapola o pensar e fazer pedagógico com os conteúdos específicos de sua área. Nesse caso, pode-se pensar o

sujeito escolar em outros espaços formadores, experimentando outra lógica de organização da sala e dos sujeitos, bem como procedimentos e recursos didáticos distintos de seu cotidiano escolar.

De acordo com Lüdke (1994),

[...] o estágio não se resume à aplicação imediata, mecânica, instrumental de técnicas, princípios e normas aprendidas na teoria. A prática não se restringe ao fazer, ela se constitui numa atividade de reflexão que enriquece a teoria que lhe deu suporte. O estágio é um processo criador, de investigação, explicação, interpretação e intervenção na realidade. Não é reprodução automática do já sabido. (LÜDKE apud PEREIRA, 2000, p. 62).

Essa citação contém aspectos interessantes que merecem ser retomados e discutidos à luz da experiência vivenciada na proposta de uso dos laboratórios de geografia no exercício do Estágio Supervisionado.

Ao utilizar os laboratórios, tem-se clareza de que o mesmo como espaço físico e as práticas realizadas no seu interior não substituem a vivência dos estagiários no cotidiano escolar e da sala de aula. Pois, realizar estágio não se resume à aplicação mecânica, instrumental de técnicas, como já citado por Lüdke (1994). Mas, as atividades realizadas pelos estagiários nos laboratórios não foram mecânicas e desprovidas de reflexões antes, durante e depois da vivência nos laboratórios. O utilizar os laboratórios significou um momento de prática reflexiva sobre a ação docente em outro espaço formador e a mesma não substituiu a vivência cotidiana dos alunos em diferentes escolas. Mas, ampliou a sua experiência de vivências no Estágio Supervisionado.

No período que antecedeu a visita dos alunos aos laboratórios, os estagiários da fase III - focada na regência no ensino fundamental - receberam apoio dos professores das disciplinas Climatologia, Geologia e Optativa - Ensino de geografia: dinâmica do relevo no estudo urbano. E, ainda, eles foram orientados para pensar temáticas que pudessem ser trabalhadas a partir do uso dos laboratórios, considerando:

- A importância social das mesmas e a aprendizagem significativa do assunto pelos alunos do 8º ano;
- Os conteúdos conceituais e procedimentais a serem contemplados durante as atividades, nomeadas de minicurso;
- Os recursos e procedimentos disponíveis nos laboratórios e/ou a serem preparados;
- Os objetivos pedagógicos e geográficos com a visita e atividades nos laboratórios;

- A elaboração de um plano de atividade/aula para cada laboratório escolhido, com os devidos procedimentos didáticos, determinados pela escolha dos objetivos da aprendizagem.

Esses aspectos auxiliaram o exercício de pensar e fazer a relação teoria/prática no exercício da docência. Durante esse exercício foi necessário, aos estagiários, utilizar da abordagem interacionista no processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos da geografia, estudada na disciplina Psicologia da Educação e Didática. E, ainda, considerar a ideia da contextualização didática, a noção de conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais e de aprendizagem significativa de David Ausubel (1968).

O exercício de pensar os conhecimentos construídos durante o processo de formação favorece o sentimento de segurança quanto à prática, além de possibilitar a instrumentalização teórica sobre as ações dos estagiários no preparo e desenvolvimento de seus planos de atividade/aula. Mas, não garante o êxito sobre a mesma. Sabe-se que a sala de aula é um ambiente complexo, onde a aplicação de teorias e técnicas não pode ser assumida mecanicamente eficaz, como se acreditava ser suficiente na educação tradicional.

Portanto, durante a preparação dos temas escolhidos, foi necessário retomar conteúdos estudados, mas principalmente problematizar a contextualização dos mesmos no ensino de geografia para um grupo específico de alunos. Diante disso, algumas questões foram colocadas:

- a) Qual será o conhecimento prévio desse grupo sobre os temas?
- b) Como abordar o assunto de maneira agradável e significativa para o grupo?
- c) Como elaborar atividades diagnósticas para a introdução de conteúdos?
- d) Os procedimentos didáticos adotados favorecerão a participação ativa dos alunos?
- e) Durante e ao término das atividades, como verificar o entendimento dos alunos sobre o assunto contemplado?
- f) Como os alunos se comportarão no espaço dos laboratórios e na visita ao campus?
- g) Essa experiência, fora da escola, nos laboratórios trará alguma mudança entre os alunos do 8º ano?

Essas questões além de promoveram o exercício da reflexão sobre o que se está construindo como conhecimento, planejamento e execução do plano de atividade/aula e seus conteúdos geográficos, abriram espaço para outras observações e reflexões referentes aos alunos, enquanto sujeitos sociais, coletivos e individuais.

Durante o movimento de estudar, preparar materiais, pensar nas questões colocadas, ocorre a mobilização de diferentes conhecimentos e saberes individuais e coletivos que norteará, a princípio, a prática educativa dos estagiários, no momento de uso dos laboratórios. A reflexão trás a aproximação da teoria/prática e prática/teoria e no estágio a prática vem viabilizar o processo criador, de investigação, explicação, interpretação e intervenção na realidade (LUDKE, 1994).

Os procedimentos adotados antes, durante e depois das atividades nos laboratórios de Geografia, permitem, também, a construção da noção da prática docente como processo que vai além do saber fazer, executar, mas que compreende o registrar sistemático das experiências e a reflexão das mesmas e da própria prática. Esta constitui um movimento prático-teórico-prático que configura a possibilidade de se criar novos hábitos (PIMENTA et al, 2008). Os registros podem constituir elementos para ampliar a consciência do professor sobre a realidade (PIMENTA et al, 2008), bem como elementos de pesquisa sobre a própria prática.

O conhecer e refletir sobre a própria concepção de prática constitui um potencial para elevar a qualidade do ensino escolar, bem como para elevar a qualidade da teoria (LANEVE apud PIMENTA et al, 2008). Para esses autores, o ensino em *situação* e a importância da memória das práticas constituem novas tendências da pesquisa em ensino. Ainda que o significado da experiência da docência nos laboratórios, não tenha ainda contemplado amplamente todas as dimensões apresentadas por autores como Ludke (1994) e Pimenta et al. (2008), tem-se a certeza que a experiência colocou o estagiário em contato, direta ou indiretamente, com todas essas dimensões: a do refletir sobre a própria concepção de prática, a do retomar os próprios registros e a da reflexão teoria-prática-teoria.

A experiência em processo: estágio supervisionado e laboratórios de geografia

O Projeto Laboratórios Abertos e Integrados e Estágio Supervisionado compreendeu uma atividade docente realizada pelos alunos da disciplina Estágio

Supervisionado em Licenciatura – III, no primeiro semestre de 2011. Esse estágio III tem como objetivo a regência no ensino fundamental, pautado na reflexão da prática escolar a partir da observação, descrição e análise da prática educativa do/a professor/a de Geografia, assim como intervenção, na medida do possível.

Os graduandos em Geografia receberam 72 alunos do 8º Ano, da Escola Municipal Francisca Alves. Esses alunos tiveram a oportunidade de participar de três aulas práticas que abordaram temas da Geografia e, transversalmente, perpassaram vários conteúdos escolares da Matemática, das Ciências naturais e da Arte. Esses conteúdos foram contemplados a partir da construção de gráficos e linguagens matemáticas, da observação de rochas e minerais, da pintura como expressão e linguagem presentes nas maquetes representativas das formas de relevo, entre outros.

Cada grupo de alunos do curso de Geografia ficou responsável pela preparação das atividades práticas. Essa contou com a elaboração de um plano de aula, a partir de uma sequência didática contendo objetivos, procedimentos e métodos avaliativos, bem como utilizando materiais e/ou equipamentos presentes nos laboratórios de Climatologia, Geologia e Geomorfologia, conforme figura 1.

As aulas abordaram definições de clima e tempo, a elaboração de cartogramas e a definição de mudanças climáticas e flutuabilidades climáticas, as suas diferenciações e como se diferem do que é, muitas vezes, repassado pelas diversas reportagens jornalísticas. As definições de rochas e minerais, o processo de formação e conceituação sobre a litologia terrestre também foram contemplados. E, ainda, os conceitos leito maior, leito menor e o uso e ocupação urbana dos “fundos de vale e encostas”, trazendo imagens e situações vivenciadas pelos alunos em seus locais de identidade sociocultural.

Figura 1: Quadro de planejamento e organização das atividades nos laboratórios

LABORATÓRIO	TEMA	OBJETIVOS	ESTRATÉGIAS	RECURSOS	EQUIPE DO ESTÁGIO	ESCALA DE GRUPO ALUNOS
Biomorfolab 202	Dinâmica fluvial e ocupação humana no fundo de vale	Apresentar a noção de leito maior e leito menor e a dinâmica fluvial. Mostrar os tipos de intervenção antrópica nesses leitos. Discutir as consequências socioambientais da intervenção nos leitos.	Problematização a partir de imagens da realidade. Sondagem do conhecimento prévio. Explicações com imagens e maquetes. Pintar no desenho leito maior e leito menor.	Maquetes em argila Maquete em isopor Imagens de revistas Transparência Datashow	Débora, Letícia, Ivani, Bárbara, Igor.	GRUPO 1 GRUPO 3 GRUPO 2

LABORATÓRIO	TEMA	OBJETIVOS	ESTRATÉGIAS	RECURSOS	EQUIPE DO ESTÁGIO	ESCALA DE GRUPO ALUNOS
Climalab 204	O tempo e o clima	Diferenciar as noções de tempo e Clima. Conhecer os procedimentos de coleta de dados e aplicabilidades. Conhecer as possíveis intervenções do homem no clima urbano.	Coleta de dados. Explicações dos instrumentos meteorológicos. Explicações com gráficos e sondagens de conhecimentos prévios. Discussão sobre escalas climáticas e a intervenção no clima urbano.	Termohigrômetro Abrigo meteorológico Maquete em vidro	Fabiana, Nathalia, Sandra, Roger, Samuel, Paulo.	GRUPO 2 GRUPO 1 GRUPO 3
Geolab 206	Minerais e rochas	Diferenciar minerais e rochas; Conhecer como as rochas e minerais são formados; Conhecer os testes de identificação de cada um.	Explorar as amostras de minerais e rochas. Diálogos explicativos. Exibição de vídeo de curta metragem. Testes de identificação.	Amostras de minerais e rochas Datashow	Neida, Carolina, Vaneusa.	GRUPO 3 GRUPO 2 GRUPO 1

Fonte: Projeto Laboratórios Abertos e Integrados, 2011.

Os 72 alunos do 8º Ano da Escola Municipal Francisca Alves foram divididos em três grupos, cada grupo vivenciou as três aulas práticas, uma em cada laboratório com duração de 1 hora cada. Cada laboratório foi organizado e utilizado por até 6 alunos estagiários que desenvolveram e reversavam suas tarefas durante a prática. Essas tarefas compreenderam: a) receber e conduzir os alunos da escola básica pelo campus universitário e nos laboratórios; b) ministrar os conteúdos, c) auxiliar na distribuição e coleta de materiais e atividades e d) registrar com fotografias e anotações as ações dentro dos Laboratórios.

Semanas antes de receberem os alunos da referida escola, os estagiários investiram no estudo dos conteúdos a serem contemplados nas atividades práticas e no preparo do planejamento das atividades/aulas. Para isso, os alunos de licenciatura foram orientados a consultar os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e verificar quais os objetivos de aprendizagem para o público - alvo, alunos do 8º Ano do ensino fundamental. E, ainda, a consultar a metodologia de trabalho da Proposta Curricular da Prefeitura de Belo Horizonte, que se baseia na dinâmica de introduzir, trabalhar, retomar e concretizar os conceitos ao longo das faixas etárias do ensino fundamental. Assim, cada plano de aula identificou as bases conceituais em geografia esperadas para o 8º Ano, em cada conteúdo, assim como os objetivos da aprendizagem.

O planejamento permitiu aos alunos estagiários vivenciarem como traçar uma meta de aprendizagem e construir estratégias que levem os alunos a construir o conhecimento de forma significativa, de forma que os alunos do ensino fundamental

sejam ativos no seu processo de construção e entendimento dos conceitos por hora alcançados.

Para exemplificar, o planejamento da aula sobre o conceito de tempo e clima foi baseado na coleta de dados de temperatura e umidade relativa do ar em instrumento meteorológico – termohigrômetro – com o qual os alunos observaram como são registrados os valores dessas variáveis e como são construídos gráficos a partir das médias diárias e como elas viram médias mensais. Por meio desse processo de observação e da transformação dos dados de tempo meteorológico em médias climatológicas construíram o conceito de clima. A partir dessa construção, os graduandos introduziram a ideia de fluabilidade climática e as diferenças conceituais de aquecimento global.

Segundo Scandelai (2007), o planejamento das atividades pedagógicas é tão importante nas atividades escolares que a partir dele é que se traça um plano de ações para alcançar o objetivo maior da educação: a aprendizagem. Um plano de aula contém objetivos, estratégias e procedimentos para alcançar as metas propostas. Giordani et al (2009) reforçam que na Geografia Escolar, torna-se urgente que,

[...] o conhecimento seja transcendido para a construção do conhecimento coletivo. Para autora, quando na escola vigoram estratégias de ensino centradas na voz do professor e na passividade do aluno, e o livro didático ainda comanda a cena em sala de aula, outros recursos de excepcional relevância tem seu uso relegado (GIORDANI, et al 2009. 245p).

Segundo Scandelai (2007), o plano de aula deve ser coerente, articular de uma maneira lógica as ações pedagógicas e o conteúdo na forma de perseguição dos objetivos propostos. A atividade de laboratórios abertos permitiu aos alunos de estágio vivenciar um planejamento para cada atividade proposta e o retorno dos alunos, perceptível pelo interesse e pelo envolvimento com as atividades. E, ainda, permitiu aos alunos da Escola Municipal relacionar os conteúdos contemplados em diferentes materiais, como maquetes, vídeos, instrumentos meteorológicos, rochas, gráficos entre outros, com os abordados em sala e no seu cotidiano. Os alunos do ensino fundamental se envolveram com as atividades propostas e manifestaram muito interesse com os temas propostos, motivando os futuros professores a desenvolverem novos trabalhos.

Os alunos de estágio tiveram a oportunidade nesse projeto de uso dos laboratórios de geografia, experimentar o planejamento das suas aulas, a vivência das etapas de levantamento de dados, instrumentação teórica, esboço metodológico, delimitação dos objetivos, planos de ação e atividades avaliativas, conforme sugerido por Castellar (2007).

Nesta primeira experiência, devido a seu curto período de realização, não foi possível aos graduandos avaliar a aprendizagem dos alunos, assim como aferir as dificuldades de suas estratégias, mas o interesse dos alunos do ensino fundamental, a interação e participação dos mesmos permitiram afirmar que foi significativa para ambos os educandos.

No segundo semestre de 2011, nova experiência foi realizada, com mais professores envolvidos e um número maior de alunos da escola básica recebidos nos laboratórios, um total de 200, distribuídos em grupos de alunos do ensino médio, fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Essa experiência não é detalhada neste texto, mas é possível afirmar que o envolvimento e satisfação dos alunos estagiários, a participação ativa e efetiva dos alunos da escola básica, o interesse dos professores escolares e o apoio de outros professores acadêmicos, das áreas de Pedologia, Geomorfologia e Biogeografia, apontam um caminho possível de trabalho coletivo, integrado e importante na formação em licenciatura.

Considerações finais

O projeto Laboratórios Abertos e Integrados é um projeto piloto, que ainda visa melhorias e novas estratégias, entre elas, a formação continuada dos professores da educação básica a partir dessa troca de novas formas de abordagem e a experiência adquirida em sala de aula. Os professores ficaram passivos, sem a possibilidade de intervenção e/ou participação, o que sugere necessidade de melhorias, para que esse projeto tenha um caráter inclusivo no processo global de formação do cidadão.

Assim também, a necessidade de envolver mais professores universitários nessa empreitada, ampliando as possibilidades de temas a serem trabalhados pelos alunos de estágio. Esse maior número de professores permite receber um público maior de alunos da educação básica e fortalecer esse objetivo retroalimentador de trocas educativas, permitindo a mais alunos da educação básica ampliar os espaços de formação e aos alunos de estágio, a experiência do planejamento, da execução, da utilização de recursos presentes nos laboratórios e as diversas possibilidades de trabalhar os conteúdos geográficos.

Essa experiência é um exemplo para a própria organização e planejamento da disciplina de Estágio Supervisionado, em Licenciatura, que deixa aos alunos a tarefa de

encontrar escolas que permitam o estágio e todas as suas dificuldades vivenciadas em sala de aula, sem preparo e sem a vivência do planejamento. O projeto visa ampliar e não substituir a experiência na escola, que deve ser experimentada e refletida como espaço de formação do cidadão.

Ainda uma promessa, a ampliação das trocas entre as disciplinas específicas da Geografia e Prática de ensino, que na dicotomia bacharelado – licenciatura não investe em práticas educativas voltadas para a educação básica. A participação de professores universitários de diferentes áreas do conhecimento em Geografia e a participação nesse projeto ainda é uma meta a ser conquistada, apesar do envolvimento de novos professores no segundo semestre de 2011.

Apesar disso, é necessário que novas experiências sejam realizadas, para que as novas demandas sejam alcançadas, entre elas, a possibilidade de formação continuada dos professores da educação básica, que ao vivenciar as aulas dos futuros colegas possam interagir e trocar experiências, sugerir novas *práxis* e assim permitir a ampliação do conhecimento para todos os atores envolvidos – alunos, professores, alunos de licenciatura em Geografia.

Os professores das áreas específicas da Geografia também foram aprendizes das possíveis estratégias de abordagem dos conteúdos para os alunos da educação básica. Durante os diálogos com os estagiários sobre a escolha do conteúdo a ser contemplado, os materiais e equipamentos possíveis de serem utilizados e a proposta de atividade realizada, os professores perceberam a possibilidade de recontextualização do conteúdo acadêmico para o escolar. Puderam refletir a respeito da necessidade de experimentar o conhecimento de forma prática e viável para outros anos de escolaridade. Além desses aspectos, os professores observaram diretamente o envolvimento, o interesse, a capacidade de criar e reelaborar dos graduandos. Descobriram que muitos alunos considerados tímidos, e às vezes passivos em suas aulas, revelaram-se ativos e capazes de conduzir bem o conteúdo específico para o âmbito escolar, empregando outros recursos didáticos e outras linguagens para os mesmos conceitos apreendidos anteriormente.

Entre os maiores desafios desses professores, aponta-se a interdisciplinaridade, para que se possam ensinar os conteúdos de forma integrada. O movimento para integração, interdisciplinaridade e recontextualização didática dos conteúdos específicos pode começar, possivelmente, através de formação continuada para professores da academia, interessados e envolvidos com a formação de professores.

Como é esperado em um ambiente acadêmico de formação profissional tem-se a experiência da reflexão teórica e a vivência da prática, com suas possibilidades e limitações de atuação. Esta reflexão teoria-prática colabora para que novas metodologias didáticas possam surgir na Geografia Escolar, que muitas vezes se distancia dos alunos por seus discursos baseados em conceitos abstratos, em larga-escala, que não dialogam com as vivências dos discentes da educação básica.

Referências

- AUSUBEL, D.P. Educational psychology: a cognitive view. Nova York: Holt Rinehart and Winston, 1968. In: MOREIRA, M.A. e MASINI, E.S. **Aprendizagem significativa** – A teoria de David Ausubel. São Paulo: Moraes, 1982.
- CASTELLAR, S. (Org.) **Educação geográfica: teorias e práticas docentes**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- CNE. Resolução CNE/CP 2/2002. Diário Oficial da União, Brasília, 4 de março de 2002. Seção 1, p. 9. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP022002.pdf>. Acesso em 06 de setembro de 2011.
- GIORDANI, A.P., CASSO, R. e BEZZI, M.L. Objetos de aprendizagem na Geografia Escolar. In: **Revista Geografia: Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 13 n. 2, p. 243-248, 2009.
- LIBÂNEO, J.C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
- LÜDKE, M. **Avaliação Institucional: formação de docentes para ensino fundamental e médio (as licenciaturas)**. Série CRUB, v.1, n.4, Brasília, 1994.
- MOREIRA, M.A. e MASINI, E.S. **Aprendizagem significativa** – A teoria de David Ausubel. São Paulo: Moraes, 1982.
- PEREIRA, J.E.D. **Formação de professores: pesquisas, representações e poder**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- PIMENTA, S.G. et al. **Didática e formação de professores: percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal**. São Paulo: Cortez, 2008.
- SCANDELAI, R.N. Planejamento. In: PASSINI, E.Y.; PASSINI, R.; MALYSZ, S.T. (Org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007. 224 p.
- SOUZA, V.C. de & ZANATTA, B.A. Concepções de prática de ensino e formação de professores de Geografia. In: CAVALCANTI, L.S. **Formação de professores: concepções e práticas em geografia**. Goiânia: Vieira 2006, p. 67 – 89.

Recebido em 07 de fevereiro de 2012.

Aceito para publicação em 11 de abril de 2012.